



## **Ecologia da Mídia: um Estudo Sobre suas Interfaces na Mediação do Fato Esportivo <sup>1</sup>**

Bianca Cesário da SILVA <sup>2</sup>

Bruna MANTUAN <sup>3</sup>

José Carlos MARQUES <sup>4</sup>

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, SP

### **RESUMO**

Tomando como base a revolução tecnológica nos meios comunicacionais e os conceitos dos teóricos McLuhan, Innis, Postman e Wolton, entre outros, este trabalho tem como objetivo investigar o conceito de “Ecologia da Mídia”, o qual tem como base fundamental a análise dos meios de comunicação, como estes são inseridos em um meio ambiente, e como se dá o impacto da introdução dessa nova tecnologia para a sociedade, propondo o estudo de tais comportamentos. Com base nesses conceitos, fez-se um estudo de conteúdo da rodada final do Campeonato Brasileiro de Futebol de 2011, dos jogos entre Corinthians x Palmeiras e Vasco x Flamengo disputados no dia 4 de dezembro de 2011. Tal análise é feita buscando fazer uma co-relação entre a transmissão televisiva e a da internet, aplicando-se a elas os conceitos acima citados.

**PALAVRAS-CHAVE:** ecologia da mídia, fato esportivo, internet, televisão.

### **1. Introdução**

A mediação do fato esportivo nas diferentes mídias é um assunto que já vem sendo debatido há tempos. Contudo, este artigo pretende analisá-la por outra ótica. O objetivo deste artigo é trazer uma discussão sobre o conceito de “Ecologia da Mídia”, primeiramente definida por Neil Postman e teorizada e complementada posteriormente por outros autores. A partir desta contextualização teórica, procura-se aliar tais

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT Estudos Interdisciplinares da Comunicação, do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Estudante do 5º semestre de graduação do curso de Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas da Faculdade de Arquitetura Artes e Comunicação (FAAC) – UNESP/Campus de Bauru. *E-mail:* [bih.cesario@gmail.com](mailto:bih.cesario@gmail.com).

<sup>3</sup> Estudante do 5º semestre de graduação do curso de Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas da Faculdade de Arquitetura Artes e Comunicação (FAAC) – UNESP/Campus de Bauru. *E-mail:* [bru\\_mi@hotmail.com](mailto:bru_mi@hotmail.com).

<sup>4</sup> Professor Orientador do trabalho. Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo e docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista – UNESP/Campus de Bauru. *E-mail:* [zeca.marques@faac.unesp.br](mailto:zeca.marques@faac.unesp.br).



conceitos em um objeto de análise esportivo, com foco na transmissão televisiva e da internet, buscando influências, semelhanças e diferenças nessas mediações.

## 2. O Meio, a Comunicação e a Contemporaneidade

A modernidade, podendo ser entendida como

(...) um período histórico e como tal, difícil de ser analisado, pois é ao mesmo tempo - passado e presente (...). Profundas transformações sociais, econômicas e políticas ocorreram, sobretudo, entre o início do século XIX até os dias atuais. O século XX é um século de guerra, a ameaça de confronto nuclear embora reduzida, ainda permanece; a realidade de vários conflitos étnicos, religiosos e militares forma um "lado sombrio" desse tempo. A modernidade se apresenta na verdade carregada de ambigüidades. (LEITÃO, 1997)

desenvolve uma série de mudanças em diversos campos e também na comunicação. “De uma forma profunda e irreversível, o desenvolvimento da mídia transformou a natureza da produção e do intercâmbio simbólicos do mundo moderno.” (THOMPSON, 2008, p.19)

A comunicação, a partir da modernidade, juntamente com o desenvolvimento dos meios de sua propagação, traz consigo a ideia de que permite o acesso igualitário à informação, levando à democratização da informação. Também pode ser dito que

[...] a comunicação, credora de nosso patrimônio ocidental, foi uma das questões centrais para emergência da sociedade moderna. A comunicação é o cerne da modernidade, isto é, inseparável desde lento movimento de emancipação do indivíduo e do nascimento da democracia. (WOLTON, 2003, p.08)

Neste contexto, encontram-se mudanças também relacionadas às referências de poder, onde o detentor de poder é aquele que domina o intangível.

Poder que não mais se restringe ao domínio dos meios materiais e dos aparatos políticos e institucionais, mas que, cada vez mais, define-se a partir do controle sobre o imaterial e o intangível — seja das informações e conhecimentos, seja das idéias, dos gostos e dos desejos de indivíduos e coletivos. (LASTRES e ALBAGLI, 1999, p. 19)



Sendo assim, esta realidade é estudada e pautada por diversos teóricos da comunicação, como Postman e Innis, que já estudavam e previam consequências desta difusão de informações e sua relação com os meios transmitidos, desde antes do mundo globalizado, onde uma mesma informação pode estar presente em qualquer lugar do mundo ao mesmo tempo, através da internet, por exemplo.

Neste contingente teórico, um clássico é Marshall McLuhan e uma de suas máximas é “o meio é a mensagem”. Isto significa que as consequências sociais e pessoais de qualquer meio constituem o resultado do novo escalão introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia ou extensões de nós mesmos. “(...) a mensagem de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas humanas.” (MCLUHAN, 2002, p. 22)

Considerando essa máxima citada acima como uma das ideias de McLuhan mais difundidas entre a área comunicacional, pode-se entender que o modo e principalmente o meio de comunicação utilizado para difundir uma mensagem influencia em boa parte, se não no todo, o modo como ela é entendida e interpretada pelos seus receptores. Em suma, “... o meio é a “mensagem” por que o meio que configura e controla a proporção e a forma das ações e associações humanas.” ( MCLUHAN, 2002, p.23) ”.

Complementando tal teoria, McLuhan também lançou o ideário dos meios de comunicação como extensão do homem, podendo ser entendido como uma relação de dependência entre o homem e os meios de comunicação. Em suas próprias palavras, ao unirmos tais ideias, tem-se:

Numa cultura como a nossa, há muito acostumada a dividir e estilhaçar todas as coisas como meio de controlá-las, não deixa, às vezes de ser um tanto chocante lembrar que, para efeitos práticos e operacionais, o meio é a mensagem. Isto apenas significa que as consequências sociais e pessoais de qualquer meio – ou seja, de qualquer uma das extensões de nós mesmos – constituem o resultado do novo escalão introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia ou extensões de nós mesmos. (2002, p.21).

Para exemplificar este contexto, o exemplo de Narciso, personagem mitológico que se apaixona pela própria imagem, utilizado pelo teórico tem como objetivo



exemplificar que o homem aprecia o que é uma extensão dele mesmo, como exemplo, os meios de comunicação.

McLuhan (1964, apud Braga) defende que a ideia do impacto social, psicológico da introdução de um novo meio de comunicação é maior ou mais relevante que seu próprio conteúdo, fazendo alusão à sua teoria de que o meio é a mensagem. Contudo, a crítica maior a este teórico recai em dizer que ao defender essa espécie de comunicação sem fronteiras (ideal) esqueceu-se dos limites econômicos e políticos desta comunicação. Um exemplo clássico é o caso de países onde a informação é controlada, como em Cuba, que só são divulgadas informações autorizadas pelo governo e o uso da internet é controlado, desfazendo a ideia de democratização da informação.

Tratando-se ainda de meios de comunicação e sua interação com o homem, McLuhan propõe a separação dos meios de comunicação em dois grandes grupos: meios quentes e meios frios de acordo com a interação que eles podem exercer com o homem. Por definição, um meio quente “é aquele que prolonga um único de nossos sentidos e em ‘alta definição’. Alta definição se refere a um estado de alta saturação de dados.” (McLuhan, 2002, p.39).

Também existe a definição de que meios quentes são aqueles que não exigem tanto a atenção do indivíduo, e como exemplo tem-se o rádio, já que é possível ouvir o rádio e fazer outra coisa ao mesmo tempo. Outro exemplo deste tipo de meio é a fotografia. Meios frios são o oposto dos meios quentes e como exemplo podemos citar a televisão e a própria fala. Em suma, o meio quente exclui e o meio frio inclui.

As atividades comunicativas não ocorrem por si só, elas dependem do suporte material e ainda são caracterizadas por três características: natureza prática, condições de produção e suporte técnico (meios), segundo Braga (2008). Por isso, a introdução de uma nova tecnologia em determinada sociedade, de acordo com as suas características, pode causar diferentes efeitos.



### 3. A Ecologia da Mídia nas Novíssimas Tecnologias

No contexto sócio-cultural contemporâneo os avanços tecnológicos trazem em discussão novas perspectivas sobre a importância e o papel da comunicação no desenvolvimento e construção da sociedade. Segundo Braga (2010) a relação de poder é explícita: quem detém o controle da informação é quem tem o poder, sendo assim, o deslocamento de poder ocorre à medida que o grupo tradicional vai perdendo forças para o grupo que implanta os novos métodos tecnológicos, e assim sucessivamente. Postman defende que toda introdução de uma nova tecnologia tem dois lados: o bom e o mau, ou seja, não existe uma tecnologia neutra. Esta transforma o significado das palavras e também o domínio do poder, e ainda carrega consigo uma ideologia.

Uma vez que a ideia de evolução tecnológica e sociedade se relacionam com o progresso desta, Wolton (2003) cita a adaptação que as gerações sofrem.

... cada nova geração tecnológica resolve alguns problemas a ela anteriores, trocando por outros e mais frequentemente criando novos. O modismo das mídias temáticas, depois das mídias interativas, não constituiu uma “superação” da problemática das mídias de massa, mas constituiu, antes de tudo, uma adaptação à evolução atual, em direção a uma individualização dos gostos e dos comportamentos. (WOLTON, 2003, p.35)

As vantagens que a sociedade adquire ao passar das décadas são moldadas a partir das facilidades que os recursos tecnológicos são apresentados. Porém, a sociedade se torna de certa forma refém a essa necessidade por mudanças, e junto a essas modificações de recursos, vemos as modificações nas estruturas sociais. Em seu livro “Modernidade Líquida” o autor Bauman compara a sociedade moderna como a um líquido.

Os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade [...] Enquanto os sólidos têm dimensões especiais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou tornam irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la. (BAUMAN, 2001, p.8).

O impacto dessa evolução é tão grande para a sociedade atual, que é quase uma regra que as pessoas fiquem conectados permanentemente. Bauman (2001) vê essa



conectividade como o centro dos laços sociais: passamos de relacionamentos a conexões, de estar engajados a estar conectados.

Nesse cenário, o audiovisual torna-se um meio de conectividade global, instantâneo e indispensável. A evolução é percebida nas imagens audiovisuais produzidas das mais diversas formas que transitam e povoam as plataformas da web. As múltiplas possibilidades de compartilhamento de notícias, fotos, vídeos, etc. além da transmissão ao vivo de algum vídeo para o mundo todo, tornam o impossível em acessível.

Os conceitos de McLuhan, como os de outros teóricos citados anteriormente, têm sido fonte de estudo com a introdução dessa chamada *cibercultura*, que está moldando o novo ambiente de conectividade social. A partir do instante em que se percebe e considera-se uma extensão de nós mesmos a forma tecnológica, ocorre, inevitavelmente, uma implicação de que tal extensão seja adotada. Uma relação importante que o teórico destaca é que no decorrer do uso cotidiano dessa tecnologia, o homem vai sendo constantemente modificado por ela e em contrapartida também a transforma. Uma nova ideia tecnológica além de ser aceita ainda tem que competir por prestígio e posteriormente predominância com todas as já existentes.

Baseada nestas ideias e no preceito que as tecnologias transformam o modo de comunicar surgiu o conceito “ecologia da mídia”, que procura entender o comportamento das mídias já existentes com a introdução de uma nova. Procura estudar também quais são e o porquê das mudanças ocorridas em um meio já existente na adaptação de novos recursos, mais modernos, fruto do avanço da tecnologia.

“Ecologia da Mídia” é definida por Neil Postman como “o estudo das mídias como ambientes.” Segundo a definição do autor, a “Ecologia da Mídia olha para a questão de como os meios de comunicação afetam a percepção humana, a compreensão, o sentimento e valor, e como nossa interação com os meios de comunicação facilita ou dificulta as nossas chances de sobrevivência” tratando o meio comunicacional como um ambiente e não como uma máquina. Procura entender também quais “as regras que a mídia nos obriga a jogar, como a mídia estrutura o que estamos vendo, por que os meios de comunicação nos fazem sentir e agir de determinado modo”.



Como um dos fenômenos comunicacionais, a “ecologia da mídia” busca a compreensão de que cada meio propõe um diferente modo de perceber o mundo. Digamos que a mídia ou tecnologia é o efeito da criação de um ambiente proporcionado por esse meio, porém, esse novo ambiente introduzido por um novo meio é imperceptível segundo McLuhan. Esse tema se apropria de outras áreas de estudo como antropologia, sociologia, política, economia, filosofia, história, entre outros levando-se em consideração a interação dos meios de comunicação com a sociedade e a relação existente entre os dois.

#### **4. Característica da transmissão do fato esportivo pela internet e TV**

Considerando as definições de “meios quentes” e “meios frios” de McLuhan pretende-se traçar as características das novas tecnologias. Como já destacado neste artigo, o rádio é um meio “quente”, sendo que este prolonga o sentido da audição com alta definição, e a televisão é um meio “frio” considerando a inclusão do espectador na hora de uma transmissão.

Em mãos desses conceitos, as propriedades da internet e a interação que ela proporciona são analisadas. A internet acaba por saturar o meio e pode ser então percebida como “quente” e também proporciona a amplitude da inclusão, característica do meio “frio” sendo perceptível desta maneira a dificuldade em enquadrar a internet, pois ela aglutina essas duas definições, “é possível então perceber o ciberespaço como um aglutinador dos mais diversos meios, que se encontram em evolução rumo a uma inter-relação cada vez mais presente” (MARQUES e MARQUES, p.3)

Tendo em vista essa definição, a internet tem múltiplas possibilidades na mediação do fato esportivo. Na web a pessoa pode assistir aos jogos com transmissões ao vivo, escutar a narração das partidas, ver e rever os melhores momentos, navegar ainda nos sites direcionados para o esporte, com matérias e entrevistas de atletas e jogadores, técnicos e comentaristas, classificação dos campeonatos, enfim, existem várias possibilidades para os internautas e a principal vantagem está na disponibilidade



desse conteúdo acessível a qualquer momento, diferente do jornal, rádio e televisão que possuem data e horários fixos para serem veiculados na mídia.

Desta forma, analisaremos as diferenças e semelhanças, pontos fortes e fracos da televisão e internet a partir do estudo de caso da rodada final do campeonato brasileiro de 2011.

## **5. Estudo de Caso**

Ao compararmos as transmissões da TV e da Internet percebe-se em alguns casos certa igualdade, como por exemplo, na presença da publicidade, seja no canto da tela da televisão ou nos cantos das páginas da web as propagandas estão presentes nas duas formas de transmissão. Outro exemplo é a disponibilidade de assistir uma partida e manter-se informado sobre as demais que acontecem no mesmo horário. Isso é possível tanto na TV quanto na Internet. Contudo, o que chama mais a atenção são as diferenças entre os meios e a ligação, cada vez mais freqüente, que ocorre entre eles.

Usamos como objeto de estudo a final do campeonato brasileiro de 2011 que mesmo no formato de pontos corridos, guardou a decisão para a última rodada. A televisão e internet fizeram a cobertura dos jogos Corinthians x Palmeiras e Vasco da Gama x Flamengo, rivais tradicionais com a decisão do campeonato nos pés. Começaram veiculando durante toda semana que precedeu a decisão matérias e reportagens que relacionava os jogadores, técnicos e torcedores dos times candidatos a campeão.

No dia dos jogos, 4 de dezembro de 2011, a presença da torcida é encontrada fortemente nas transmissões televisivas. Antes do pontapé inicial, no intervalo e fim das partidas, imagens dos estádios de São Paulo e do Rio de Janeiro mostravam todas as ações e intervenções que os torcedores realizaram, fogos, músicas, gritos, bandeirões, faixas e cartazes são contemplados pelas filmagens e transmitidos para o espectador que está em casa. Nos intervalos a equipe de jornalistas e comentaristas fez uma análise dos melhores lances, opiniões sobre o desenvolvimento dos jogos, desempenho dos



jogadores além dos tradicionais comentários durante as partidas, características encontradas em transmissões televisivas e ausentes na internet.

Por outro lado, uma grande vantagem da internet é que após a partida encerrada, as informações continuaram disponíveis para os internautas que não puderam acompanhar ao vivo. Foi disponibilizado também, além de matérias e fotos das equipes, o resumo dos jogos com os principais lances, gols, cartões, substituições e expulsões.

Já a interatividade entre os meios é claramente vista na transmissão televisiva ao decorrer da partida quando os internautas mandam perguntas, comentários e até mesmo vídeos que são exibidos durante a transmissão do jogo e podem ser enviados pelos espectadores de qualquer parte do planeta. Na página da internet a transmissão acontece ao vivo em alguns casos, ou no formato minuto a minuto (com postagens frequentemente atualizadas) com vídeos das melhores jogadas e gols da partida. Nessa linha da interatividade estava disponível ainda na página da web um link com a locução radiofônica ao vivo.

É possível encontrar semelhanças da Internet com os outros meios de comunicação além da TV. O linguajar radiofônico (narração corrida) assemelha-se muito a narração dos locutores de televisão, quase em nenhum momento existe o silêncio, mesmo com a presença da imagem que, por lógica, exigiria menos fala já que temos a visão. Outro exemplo é o formato minuto a minuto disponível na Internet que se assemelha muito ao meio impresso de jornais das décadas passadas.

## **6. Considerações finais**

Com o levantamento do arcabouço teórico, discussão sobre diversos autores e sobre o conceito “Ecologia da Mídia”, tendo em vista a sociedade contemporânea, pode-se perceber que este ainda é um campo teórico em construção. As diversas definições tendem a um mesmo ponto: a introdução de algum novo meio de comunicação em um ambiente já “estável” altera a harmonia e provoca mudanças de adaptabilidade.



Contudo, é possível perceber que nem sempre as mudanças são extremas, e mudam de forma completa o ambiente. Na maioria das vezes, as técnicas usadas tanto por este novo meio, como pelos meios que estão se adaptando são já velhos conhecidos. Frequentemente ocorre uma adaptação tendo em vista os valores e significâncias que a sociedade atual considera. Também é reconhecível uma possível convivência harmoniosa entre estes meios, e de certa forma, a complementação que um meio possibilita ao outro, agregando recursos para ambos.

O futuro dos meios de comunicação, bem como a instauração ou não de novas tecnologias é impossível de se prever, mas com certeza, na sociedade atual, todos os meios possuem suas peculiaridades e por mais que as novas tecnologias tenham mais poder no cenário dessa ecologia da mídia, todas as demais possuem seu espaço nas preferências com o público na transmissão do fato esportivo.

### **Referências bibliográficas**

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

BRAGA, Adriana. **Ecologia da Mídia: uma perspectiva para a comunicação**. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0692-1.pdf>. Acesso em 09 de abril de 2012.

IHU on-line. Ecologia da mídia e a percepção do mundo. Disponível em [http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=3765&secao=357](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3765&secao=357). Acesso em 03 de abril de 2012.

LASTRES, Helena Maria Martins e ALBAGLI, Sarita. Chaves para o terceiro milênio na era do conhecimento. In: **Informação, Globalização na Era do Conhecimento**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

LEITÃO, Cleide Figueiredo. **O que é modernidade**. Disponível em <<http://base.d-ph.info/pt/fiches/premierdph/fiche-premierdph-3602.html>> acesso em 11 de abril de 2012.

MARQUES, Angélica Alves C. e MARQUES, Otacílio G. **Os meios de Comunicação como extensões do homem**. Disponível em <http://www.cid.unb.br/publico/setores/100/136/textos/Resumos%20Ampliados/Resumo%20Ampliado%20E.pdf>. Acesso em 22 de abril de 2012.

MEDIA ECOLOGY ASSOCIATION. Disponível em <http://www.media-ecology.org>. Acesso em 06 de Abril de 2012.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Cultrix. 12ª edição. São Paulo, 2002.



POSTMAN, Neil. **Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia**. São Paulo: Nobel, 1994.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 9ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias**. Porto Alegre: Sulina, 2003.